Crusoé 92
www.crusoe.com.br 31/1/2020

O MINISTRO QUE DIMINUIU

Onyx Lorenzoni chegou à Casa Civil como um dos mais destacados integrantes do time de Jair Bolsonaro, mas em um ano viu seu poder definhar — e se transformou em peça decorativa no Planalto

POR IGOR GADELHA E RENATO ALVES

Onyx Lorenzoni perdeu nesta semana o que ainda tinha de mais valioso em sua pasta, o PPI

O ministro que diminuiu

Onyx Lorenzoni chegou à Casa Civil como um dos mais destacados integrantes do time de Jair Bolsonaro, mas em um ano viu seu poder definhar - e se transformou em peça decorativa no Planalto

31/01/2020 01:38

IGOR GADELHA

RENATO ALVES

▶ OUVIR NOTÍCIA

O ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, está amuado. Nas últimas horas, antes de regressar das férias dos Estados Unidos – classificadas por ele como "lua de mel de verdade" com a mulher com quem se casou no final do ano passado –, o integrante do primeiro time do Palácio do Planalto assistiu quase que impassível ao processo de esvaziamento ao qual foi submetido pelo presidente Jair Bolsonaro, na esteira da demissão

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

de seu número dois, Vicente Santini — aquele que acionou aviões da FAB como se fosse corrida de Uber. Um aliado de primeira hora de Onyx brincou: “Ele está se sentindo como aquele personagem do filme ‘Querida, encolhi as crianças’. Só que, neste caso, o encolhido foi ele”, disse o interlocutor, que conversou com o ministro na quinta-feira, 30. Claro que os interurbanos dos EUA para o Brasil não foram caracterizados por tons amenos como esse. Com a tensão na estratosfera, o ministro até abandonou um hábito cultivado desde a CPI dos Correios, em 2005, quando passou a atrair os holofotes pela maneira enfática com que esgrimia denúncias contra os petistas enrolados. Ao falar ao telefone, costumava interromper a conversa e dizer: “E aí, galera? Bom dia! Vamos trabalhar?”. A saudação era dirigida, segundo ele, aos responsáveis por grampos em seu aparelho celular. Nos últimos dias, o cumprimento foi abolido — há quem diga que ele teme deparar com um integrante do próprio governo no outro lado da linha. Sim, ele está convencido de que é alvo de fogo amigo.

Quando não disparava xingamentos contra possíveis detratores, em conversas com pessoas de sua confiança pelo telefone, o chefe da Casa Civil demonstrava preocupação em saber como ainda conseguir se equilibrar numa cadeira tão capenga. Onyx, de fato, derreteu. Depois de Jair Bolsonaro retirar dele a articulação política, repassada ao ministro Luiz Eduardo Ramos, da Secretaria de Governo, e o controle jurídico, com o remanejamento da Subchefia para Assuntos Jurídicos para a Secretaria-Geral da Presidência, sob a batuta de Jorge de Oliveira, restava-lhe o comando do PPI, o promissor programa de privatizações. Na manhã de quinta-feira, 30, nem essa atribuição ele tinha mais. Em meio às mudanças na pasta, deflagradas a partir da exoneração de Vicente Santini, o presidente decidiu transferir o programa para o Ministério da Economia. Sobrou a raspa do tacho, ou seja, um amontoado de cargos com nomes pomposos, salários altos e quase nenhuma utilidade. Onyx perdeu até o direito de escolher seus assessores. Nunca um ministro no exercício do cargo havia encolhido tão rapidamente, como as crianças do filme dos anos 1980 do qual ele mesmo lembrou. O gesto foi mais do que claro: Bolsonaro transformou a estrutura comandada por Onyx na Casa Civil em algo descartável.

Nesta sexta-feira, 31, o presidente deve receber Onyx em audiência no Palácio do Planalto. Aliados do ministro no Congresso dão como certo que, se ele não sair agora, não deve durar muito. Até o DEM, seu partido, parece tê-lo abandonado à própria sorte. Horas após o anúncio que expôs o esvaziamento da pasta, integrantes da legenda não haviam postado qualquer mensagem em desagravo ou em defesa do correligionário no grupo de WhatsApp em que estão filiados do DEM em todo o Brasil. A aposta é que ele seja apeado do posto para assumir a liderança do governo na Câmara. Aliados do chefe da Casa Civil, ao menos os que ainda dão as caras, atribuem ao ministro da Economia, Paulo Guedes, e a integrantes da ala militar a articulação para implodi-lo. Um dos ministros de alto coturno do governo

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

interessados na derrocada de Onyx seria o general Augusto Heleno, um dos poucos auxiliares a quem Bolsonaro costumar escutar em momentos de crise.

Adriano Machado/Crusoé

Bolsonaro demitiu o 02 da Casa Civil por uma viagem em avião da FAB, mas haveria outras razões por trás da decisão

Fontes com trânsito na área militar do governo garantem que o clima entre Onyx e o general Augusto Heleno Ribeiro começou a azedar meses atrás em razão de um dossiê que chegou às mãos do presidente. Heleno viu no papelório, que detalhava um episódio antigo, dos tempos em que ele foi comandante militar da Amazônia, uma tentativa de enfraquecê-lo. A suspeita recaiu logo sobre o grupo de Onyx. Desde então, o general estaria empenhado em mostrar ao presidente que o chefe da Casa Civil não pode seguir no cargo. Virou guerra fria. Antes de embarcar para a Índia, Bolsonaro recebeu informações sensíveis sobre a Casa Civil. As informações envolviam o próprio Onyx e também Vicente Santini. No Planalto, murmura-se que a demissão de Santini não se deu apenas por causa da viagem para a Índia que fez nas asas da FAB. O presidente já estaria descontente com supostos "deslizes" do 02 de Onyx que lhe foram relatados pela área de inteligência do governo no briefing pré-viagem.

Da área econômica também parte chumbo grosso. É notório que Paulo Guedes nunca digeriu as intromissões do colega da Casa Civil. Em entrevista no início do governo, Guedes o desautorizou publicamente, quando Onyx se arvorou em falar sobre a Previdência: "É um político falando de economia. Não dá certo, né?". Subordinado a Guedes, o secretário de Desestatização e Desinvestimento do Ministério da Economia, Salim Mattar Júnior, já vinha tentando, desde junho do ano passado, tirar o PPI do guarda-chuva da Casa Civil. Embora houvesse no governo quem enxergasse com bons olhos o desempenho da equipe do

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

ministro — inclusive de Santini, que auxiliava na condução do programa –, Mattar alegava que, sob Onyx, as privatizações estavam condenadas ao fracasso. Agora, com o programa subordinado à pasta da Economia, ele terá a oportunidade de finalmente fazê-lo deslanchar como deseja. No governo, fala-se que, caso Onyx seja exonerado, um dos cotados para assumir a Casa Civil é o onipresente Jorge de Oliveira, da Secretaria-Geral da Presidência. Por esse desenho, Oliveira levaria consigo para a Casa Civil a Subchefia para Assuntos Jurídicos, a SAJ, órgão responsável por auxiliar o presidente na área jurídica.

Se deixar mesmo a Casa Civil, Onyx Lorenzoni terá ido da ascensão meteórica a um fim melancólico no governo em pouco mais de um ano. Não raro munido de chimarrão e garrafa térmica de água quente, o gaúcho de Porto Alegre conquistou o comando da Casa Civil pela fidelidade quase canina demonstrada ao presidente antes mesmo de a campanha engrenar. O ministro integrava a reduzidíssima "turma dos 15%", índice ostentado pelo capitão reformado nas pesquisas de intenções de voto no início de 2018. Na verdade, ele abraçou o projeto bolsonarista quando o capitão da reserva nem sequer tinha a candidatura confirmada.

Reprodução/Twitter

Santini, o demitido, com Onyx: amizade com os filhos do presidente não foi suficiente para segurá-lo

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Enquanto a maioria dos colaboradores próximos de Bolsonaro tinha pouca experiência com a política tradicional, o então deputado era a exceção. Acumulava uma bagagem de 22 anos de Legislativo, 15 deles na Câmara dos Deputados. No início da trajetória rumo ao Planalto, Onyx assumiu a função de articulador com o Legislativo. Ficaram famosas suas andanças pelos corredores do Congresso com um envelope lacrado debaixo dos braços. O parlamentar guardava consigo o que dizia ser uma extensa lista de apoiadores do então futuro presidente — o papel não poderia ser revelado, dizia, para não expor os signatários. O documento, no entanto, era a prova de que o candidato do PSL, se eleito, conseguiria assegurar a governabilidade. O partido de Bolsonaro tinha apenas 8 dos 513 deputados em 2018.

Em encontros quinzenais realizados no apartamento funcional de Onyx ou na casa de Alberto Fraga, amigo de Bolsonaro, eram apresentados planos gerais de como se daria a relação entre um eventual governo Bolsonaro e o Congresso. Na campanha propriamente dita, Onyx atuava como um dos principais conselheiros do então candidato. Em meio a uma legião de bajuladores, sempre estava o mais próximo possível do ex-capitão, a ponto de oferecer-lhe suco quando a sede batia. À medida que Bolsonaro avançava nas pesquisas, Onyx também crescia em importância. Com o capitão eleito, coube a ele liderar o processo de transição. Até que, durante a composição do governo, acabou contemplado com o almejado cargo de chefe da Casa Civil.

Embora o posto não tivesse o mesmo peso e influência dos tempos de Pedro Parente na gestão de Fernando Henrique Cardoso, de José Dirceu e Dilma Rousseff sob Lula ou de Eliseu Padilha com Michel Temer, pode-se dizer que Onyx iniciou o governo como um dos ministros mais poderosos da Esplanada. Diante de derrapadas nas negociações políticas, contudo, logo virou alvo da ira dos parlamentares. Para piorar, causou incômodo a Bolsonaro uma aproximação entre o chefe da Casa Civil e o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia. De desafetos, os dois passaram a aliados. No ano passado, enquanto Maia era metralhado nas redes sociais pela militância bolsonarista, Onyx era habitué de cafés e jantares regados a vinho na residência oficial da presidência da Câmara. Segundo aliados, isso levou o presidente a começar a duvidar de sua lealdade. Em junho, o ministro perderia a articulação política e o controle político do governo. Iniciava-se ali o movimento de esvaziamento político de Onyx, concluído esta semana com a retirada do Programa de Parceria de Investimentos, o PPI, da Casa Civil.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Adriano Machado/Crusoé

A aproximação com Rodrigo Maia pôs em dúvida a lealdade do ministro ao presidente

Antes de embarcar para o Brasil, para reunir-se nesta sexta-feira, 31, com Bolsonaro, o ministro tentava juntar os estilhaços do que sobrou da Casa Civil. Mas nada é tão ruim que não possa piorar. No início da noite desta quinta-feira, 30, o presidente confidenciava a interlocutores o desejo de mitigar o poder de Onyx em outras áreas do governo sobre as quais o ministro ainda exerce influência. Uma delas é a Fundação Nacional de Saúde, a Funasa. O presidente avaliava demitir o ex-deputado Ronaldo Nogueira da presidência do órgão. Embora Nogueira seja filiado ao PTB, foi Onyx quem o indicou, com apoio de um grupo de evangélicos. Com orçamento milionário, o controle da Funasa fazia parte da estratégia de Onyx para pavimentar sua candidatura ao governo do Rio Grande do Sul em 2022. Assim como o ministro da Casa Civil, Nogueira é gaúcho.

Ainda na transição, Onyx ganhou de Gustavo Bebianno, então presidente do PSL e um dos coordenadores da campanha de Bolsonaro, o apelido de “o veterinário da Arca de Noé”, numa referência à formação profissional do ministro e à estrutura enxuta que ajudava a comandar. Como é possível notar, a arca de Onyx parece singrar mares cada vez mais revoltos.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O ministro da Saúde, Luiz Mandetta, recebe 21 mil reais do Senac: reforço no salário

A farra dos jetons

Ministros e outros funcionários de alto escalão usam brechas da lei para continuar recebendo pagamentos extras em conselhos de estatais

31/01/2020 01:38

HELENA MADER

► OUVIR NOTÍCIA

O major reformado da Polícia Militar do Distrito Federal Pedro César Nunes Marques de Sousa é um dos três integrantes do conselho fiscal do BNDES Participações, a holding do banco que gere investimentos de mais de 114 bilhões de reais. O currículo do PM divulgado pela empresa detalha sua vivência profissional: além do trabalho de policiamento ostensivo da capital federal, ele fez cursos de polícia comunitária e uma formação a distância sobre “uso progressivo da força”. Não há menções a experiências com gestão de

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

dividendos, emissões de debêntures e análise de balancetes – algumas das funções regimentais dos conselheiros fiscais do BNDESPar. Outros pormenores do currículo, contudo, explicam a nomeação: Pedro César foi assessor legislativo de Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados e hoje é o chefe de gabinete do presidente da República. A indicação para o conselho da estatal rende 8,1 mil reais mensais em jetons ao policial, o que alavanca em quase 50% seu salário.

Pedro César Sousa é um dos 268 servidores que recebem remuneração extra para participar de conselhos de empresas públicas. A histórica boquinha para funcionários próximos do Planalto prossegue nesta gestão, apesar do discurso de austeridade do governo. Em 2019, quase 18 milhões de reais saíram dos cofres públicos em forma de jetons. Ganhar vaga no conselho de uma empresa pública é uma ótima oportunidade: os beneficiados embolsam ajudas mensais de até cinco dígitos para participar de alguns poucos encontros dos conselhos das estatais – um por mês, em geral. O chefe de gabinete de Bolsonaro faz parte de um grupo ainda mais afortunado: ele integra dois conselhos. Além de participar da gestão do BNDESPar, ele foi nomeado em outubro para o conselho do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, o Senac. A instituição integra o Sistema S e conta com três representantes do governo federal. O jetom previsto para o cargo é de 21 mil reais.

O inchaço da máquina pública é uma das razões para as vultosas despesas com jetons. Existem hoje 202 estatais federais, 46 de controle direto e 156 de controle indireto. As 19 empresas dependentes do Tesouro têm uma folha de pessoal bilionária, que drena recursos de investimentos. O ritmo das privatizações foi lento em 2019, mas o governo promete vender 150 bilhões em 300 ativos este ano, se o Congresso aprovar novas regras para agilizar o processo de desestatização. A legislação prevê a indicação de representantes da União para os conselhos de administração das empresas públicas, mas não estabelece a necessidade de pagamento de remuneração. A legislação determina apenas que, se houver pagamento, os jetons não podem ultrapassar, em nenhuma hipótese, 10% do salário dos diretores da empresa. E a regra, obviamente, não obriga os servidores indicados a receberem o extra para integrarem essas instâncias decisórias. Mas a nomeação para a cúpula das estatais não segue a lógica do interesse público. Desde os governos FHC e Lula, os jetons viraram uma complementação salarial de altos funcionários do Executivo e de amigos dos poderosos de plantão.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Marcos Corrêa/PR

Bento Albuquerque, ministro das Minas e Energia, tem assento em duas estatais da área militar

Quem também teve um chefe de gabinete beneficiado com jetons é o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni. Marco Antônio Rassier Filho, servidor de confiança do deputado licenciado desde os tempos de Congresso Nacional, foi nomeado para os conselhos do BB Banco de Investimentos e da Casa da Moeda. Somadas, as duas remunerações adicionais que ele recebe totalizam 9,4 mil reais. No currículo cadastrado na sociedade anônima vinculada ao Banco do Brasil, responsável por gerir quase 10 bilhões de reais em ativos, Marco Antônio afirma ter "experiência no assessoramento em gabinetes e no contato direto com autoridades e na coordenação de agendas diárias de audiências, reuniões e despachos". Rassier deixou a chefia de gabinete de Onyx no último dia 7.

No governo Bolsonaro, a farra dos conselhos beneficia até mesmo emedebistas históricos. Braço direito do ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha e do ex-ministro Geddel Vieira Lima, ambos presos pela Lava Jato, Carlos Henrique Menezes Sobral conseguiu manter-se no poder graças à mobilização da cúpula emedebista. Hoje, ele é assessor da Secretaria Nacional de Inclusão Social e Produtiva Rural do Ministério da Cidadania, comandado pelo ministro Osmar Terra, do MDB. Desde sua posse na gestão Bolsonaro, Sobral passou pelos conselhos fiscais do Senac e do Sesc – ele segue como titular deste último. Os jetons do cargo são de 21 mil reais por reunião, o dobro do salário que o assessor recebe no ministério.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Postados em altos cargos do Ministério da Educação, o presidente do Inep, Alexandre Pereira Lopes, e o secretário-executivo, Antônio Paulo Vogel, têm vagas no conselho de estatais que não têm qualquer relação com o MEC. Lopes ganha jetons de 3,2 mil reais da Amazul – Amazônia Azul Tecnologia de Defesa S.A. Criada em 2013 para promover o programa nuclear brasileiro, a empresa é vinculada à Marinha e comandada por almirantes. Vogel compõe o conselho da Agência Brasileira Gestora de Fundos Garantidores e Garantias S.A., ligada ao Ministério da Economia e criada para agilizar as exportações brasileiras e projetos de infraestrutura. Também faz parte do conselho da Agência de Financiamento Industrial, uma subsidiária do BNDES. Os dois extras somam 12,5 mil reais. Ambos são servidores de carreiras ligadas ao Ministério da Economia.

Adriano Machado/Crusoé

Jorge de Oliveira, da Secretaria-Geral: como Mandetta, ele tem assento no conselho do Senac

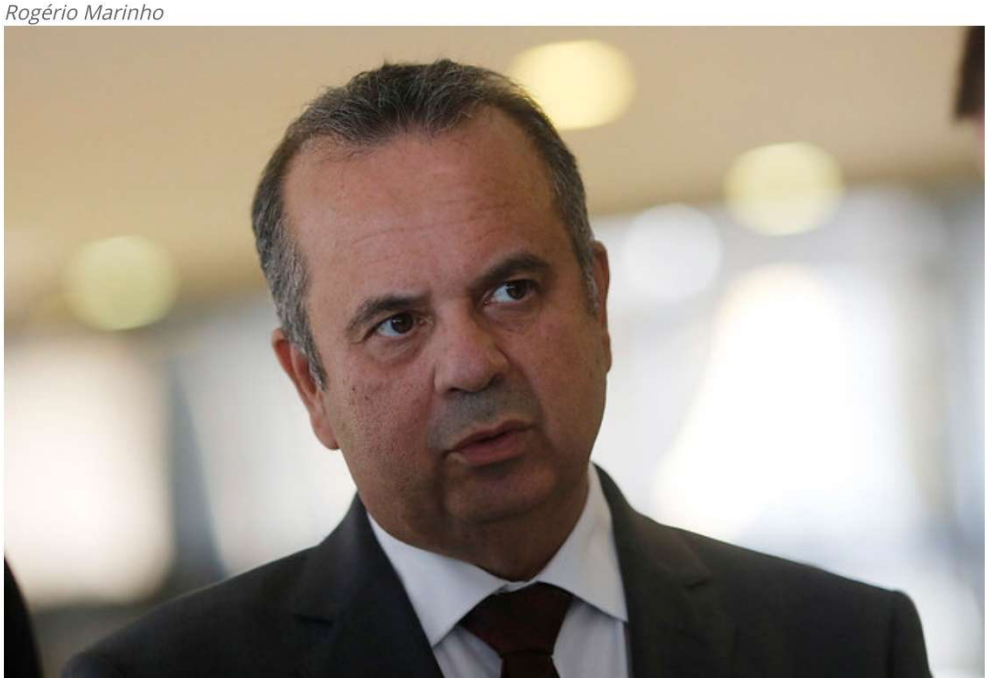
A Lei das Estatais, aprovada em 2016, durante o governo de Michel Temer, estabeleceu regras para o processo de escolha de conselheiros. Os representantes do governo em conselhos de estatais devem ter "reputação ilibada e notório conhecimento". Além disso, precisam atender requisitos como comprovação de uma década de experiência profissional na área de atuação da empresa pública, da realização de atividades vinculadas aos trabalhos da estatal ou de pelo menos quatro anos de exercício em cargos de chefia. Além disso, a lei exige que o candidato tenha formação acadêmica compatível com o cargo e não seja "ficha suja". O texto, que entrou em vigor em 2018, proíbe a indicação de ministros, de servidores sem concurso, de dirigentes partidários ou de sindicalistas. Veda ainda a escolha de pessoas que possam ter qualquer conflito de interesse com as atividades desenvolvidas pela estatal.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Especialistas reconhecem que a novidade na legislação promoveu uma limpeza nos conselhos, até então tomados de políticos e servidores comissionados. Mas, como quase toda lei, as regulamentações que vieram depois abriram brechas. Um decreto do mesmo ano liberou ministros, por exemplo, para participar de conselhos de estatais que tenham receita bruta inferior a 90 milhões de reais. Um dos beneficiários da exceção é o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque. Com remuneração básica de 49,9 mil reais, sobre a qual incide um abate-teto de 6,7 mil reais, ele recebe jetons que somam 5,9 mil reais – a remuneração extra não é contabilizada para verificação do teto constitucional. Albuquerque preside o conselho de administração da Nuclebrás Equipamentos Pesados, a Nuclep, e da Empresa de Pesquisas Energéticas (EPE). Segundo o Ministério de Minas e Energia, as duas empresas têm receitas inferiores ao patamar legal, o que autoriza a participação do ministro nos dois conselhos.

Outra grande brecha para garantir benesses a ministros está nas indicações para conselhos de entidades do Sistema S. Como são classificadas como entidades paraestatais, Sesc, Senac e Senai não estão enquadrados nas regras. Nesses casos, portanto, o governo pode indicar ministros, servidores sem concurso, sindicalistas e filiados a partidos políticos. Não faltou quem logo arrumasse um jeito de recorrer à brecha. No conselho fiscal do Senac, que garante um polpudo jetom de 21 mil reais, além do chefe de gabinete do presidente, estão dois ministros: o da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, e o da Secretaria-Geral da Presidência, Jorge de Oliveira. Para o conselho do Sesc o governo Bolsonaro indicou Guilherme Afif , assessor especial do Ministério da Economia, e o secretário da Previdência, Rogério Marinho, além de Carlos Sobral, o apadrinhado de Geddel e de Cunha. Completa o time do governo no Sesc Paulo Bauer, ex-senador filiado até hoje ao PSDB que é assessor especial da Secretaria de Relações Governamentais da Casa Civil.

Rogério Marinho



Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Rogério Marinho, secretário da Previdência, também está entre os beneficiários

Para o professor Joelson Sampaio, que coordena a Escola de Economia de São Paulo da FGV e integra o Observatório das Estatais, a lei que impôs limites à participação de altos funcionários públicos em conselhos trouxe avanços. “Acabaram sobrando algumas brechas, mas o saldo é positivo. Houve avanços com relação à independência, à autonomia e à responsabilidade dessas estatais”, explica. “Ficaram, entretanto, alguns critérios subjetivos para avaliar quem está ou não preparado para integrar os conselhos”, acrescenta. Sampaio lembra que esses cargos são importantes para a governança das estatais. “Os conselheiros têm o papel fundamental de zelar pelo valor da empresa, de monitorar a direção e acompanhar a gestão, apoiando projetos estratégicos que agreguem.”

Indagado por **Crusoé** sobre os critérios utilizados para indicar os conselheiros, especialmente aqueles que ocupam postos no Palácio do Planalto, a Presidência da República informou que não iria responder. Responsável por zelar pelas boas práticas na administração pública, a Controladoria-Geral da União afirmou que incluiu em seu planejamento para este ano uma análise sobre os processos de seleção dos conselheiros escolhidos pelo governo.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Carregamento de navio no porto de Santos: acordo entre Mercosul e Reino Unido poderia sair em até um ano e meio

A janela do Brexit

A saída do Reino Unido da União Europeia abre oportunidades de bons acordos para exportadores brasileiros

31/01/2020 01:38

DUDA TEIXEIRA

► OUVIR NOTÍCIA

Após 47 anos como membro da União Europeia, o Reino Unido deixa oficialmente o bloco no fim da noite desta sexta-feira, 31 de janeiro. Será o ápice de um longo processo, deflagrado por um referendo realizado há três anos e meio. Desde 2018, pelo menos, os negociadores brasileiros já estão à espreita. Eles estão ansiosos para fazer tratativas comerciais diretamente com os britânicos. A expectativa no Itamaraty e no Ministério da Economia é a de que um acordo entre o Mercosul e o Reino Unido possa ser fechado em um ano e meio.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O tempo para finalizar o processo seria breve porque as negociações não partirão do zero. Elas se basearão em um tratado firmado entre a União Europeia e o Mercosul no ano passado. Como os britânicos sempre foram mais liberais do que os demais europeus, imagina-se que o trabalho será basicamente o de limar impostos e anular medidas protecionistas desnecessárias. Entre elas, estão as limitações a produtos transgênicos.

"A União Europeia sempre foi um bloco com instintos protecionistas. O Reino Unido, por exemplo, não pôde importar vinho barato da Nova Zelândia por causa do lobby da indústria vinícola italiana. É uma situação ridícula, mas que é típica da UE", diz o economista irlandês Kevin Dowd, da Universidade Durham. Dowd é um liberal típico. Ele defende que o Reino Unido faça acordos de livre-comércio com o maior número possível de países e blocos. "Um tratado entre o Reino Unido e o Mercosul beneficiaria importadores e exportadores de ambos os lados do Atlântico. Isso elevaria a eficiência econômica e o bem-estar em todos os países envolvidos. Como não gostar de algo assim?", diz.

Reprodução

O Parlamento Europeu aprova o Brexit na quarta, 29

Um estudo divulgado pela ONU em abril do ano passado listou os países que mais podem faturar com o Brexit. No topo da lista estão China, Estados Unidos e Japão. O Brasil aparece em sétimo, podendo faturar 1 bilhão de dólares a mais ao ano com exportações. O país poderia ganhar principalmente com a exportação de produtos agrícolas, carnes e laticínios. Atualmente, o Brasil exporta 3 bilhões de dólares por ano para o Reino Unido, que é o 17º maior destino de produtos brasileiros.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Uma área promissora é a de cafés especiais. Os britânicos, tradicionais consumidores de chá, começaram a tomar mais a bebida com a inauguração de várias cafeterias nos últimos anos. Atualmente, o café brasileiro em grão chega à Europa pelo porto de Roterdã, na Holanda. Empresas alemãs misturam os grãos, processam o produto e o reexportam para outros países da União Europeia e para a Turquia. “Com um acordo bilateral, o café gourmet brasileiro poderá chegar diretamente ao Reino Unido, onde empresas locais apenas torrariam o grão”, diz o engenheiro agrônomo Celso Rodrigues Vegro, do Instituto de Economia Agrícola, em São Paulo. “Se o Brasil trabalhar bem esse mercado, poderá se tornar a grande força de cafés especiais no Reino Unido.”

O maior empecilho para um acordo com o Reino Unido não é a divergência de visões, mas a falta de pessoal. Do lado brasileiro, a equipe é reduzida. Não passa de setenta negociadores. Eles estão divididos em várias frentes: Canadá, Coreia do Sul e Líbano. Também precisam revisar os acordos que já foram feitos com a União Europeia e com a Associação Europeia de Livre Comércio, a EFTA, que inclui Suíça, Noruega, Islândia e Liechtenstein. De qualquer forma, as circunstâncias são boas para o Brasil. “O Reino Unido não estará em uma posição forte fora do bloco europeu. Com isso, países da América Latina, como o Brasil, não terão dificuldade para obter acordos favoráveis”, diz o economista alemão Christian Kastrop, diretor do departamento europeu da Fundação Bertelsmann.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

"Uma concessão não pode ser feita logo no começo, porque isso não apenas é inútil como pode ser contraproducente"

Um lance pela paz

Especialista na Teoria dos Jogos, o Nobel de Economia diz que o plano de Trump é um bom passo para que palestinos e israelenses saiam do estado de guerra permanente

31/01/2020 01:38

DUDA TEIXEIRA

► OUVIR NOTÍCIA

O matemático Robert Aumann, de 89 anos, ganhou o Nobel de Economia em 2005, ao explicar os conflitos contemporâneos por meio da Teoria dos Jogos. Essa área do conhecimento, surgida nos anos 1940, usa modelos estatísticos para decifrar a lógica de decisões tomadas por indivíduos, empresas, partidos políticos e governantes. Aumann, que tem nacionalidade americana e israelense, foi o primeiro a realizar uma análise científica de disputas que se repetem e descobriu que, quando elas são recorrentes, há uma tendência

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

de que os lados que brigam entre si acabem cooperando no longo prazo.

Na quarta-feira, 29, um dia após Donald Trump anunciar um plano de paz para o Oriente Médio, Aumann parecia desanimado com a reação dos líderes palestinos, que recusaram a oferta do presidente dos Estados Unidos. “O problema é que as negociações nem sequer estão acontecendo. Com isso, o curto prazo está se sobrepondo ao longo prazo. Então, o outro lado, o dos palestinos, não aprende como deveria”, diz o Nobel.

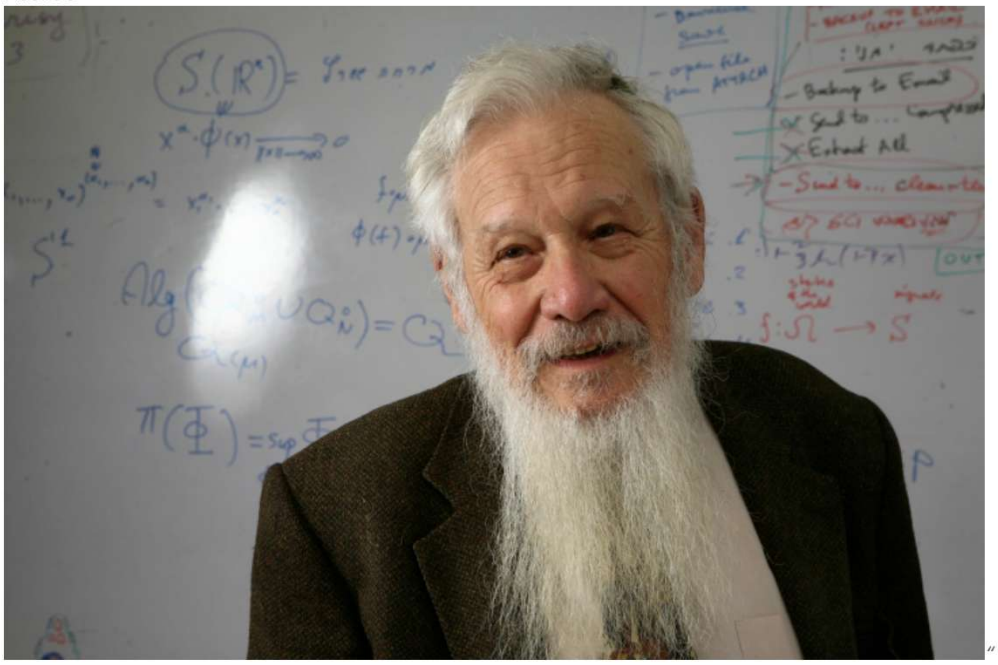
Aumann nasceu na cidade alemã de Frankfurt. Quando tinha oito anos de idade, seus pais, judeus ortodoxos, decidiram se mudar para Nova York após ler uma pichação nazista em um muro. Nos Estados Unidos, cursou matemática no City College, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e na Universidade Princeton. Após casar-se com uma israelense, mudou-se em 1956 para Jerusalém para dar aulas. Teve cinco filhos — o mais velho morreu na primeira guerra do Líbano, em 1982. De sua sala na Universidade Hebraica, onde trabalha até hoje como pesquisador, ele falou com **Crusoé** por telefone, horas antes de as forças israelenses lançarem mais um ataque à Faixa de Gaza.

Após anunciar um plano de paz para o Oriente Médio, Trump recebeu muitas críticas por não ter falado antes com os palestinos. Ele fez certo?
Acho que Trump tentou falar com os árabes palestinos. Israel tenta falar com eles há 30 anos, desde os Acordos de Oslo. No ano 2000, nas negociações de Camp David, Israel ofereceu tudo o que pediam. Tudo: o direito de retornarem para Israel, o respeito às fronteiras de 1967, o fim dos assentamentos na Cisjordânia. Mas eles recusaram a oferta. A razão que deram para isso foi que o Knesset, o Congresso de Israel, não aprovaria as condições. Tem sido impossível fazer um acordo com eles, e continua assim.

O povo palestino aprova a rejeição de seus líderes ao plano de Trump?
Os palestinos odeiam os homens que os governam. Sabem que eles pegam todo o dinheiro que os europeus enviam e depositam em suas contas bancárias pessoais. Conheço muitos palestinos. Sou amigo de muitos deles. Eles deploram a Autoridade Palestina, que não convoca eleições, mas não protestam contra esse abuso de poder.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Flash90



Os palestinos precisam entender que o tempo não está a favor deles"

Com tantas décadas de guerra, já não seria o caso de esperar alguma cooperação entre israelenses e palestinos, segundo a Teoria dos Jogos?

Não é bem assim. Quando um jogo começa, cada lado busca o seu objetivo e tenta impedir o rival de alcançar o seu. No longo prazo, ambos os lados entendem que a cooperação é o melhor negócio. Foi esse o achado que me fez ganhar o Nobel. O mundo inteiro funciona assim. Nações sabem que o ideal é cultivar uma boa relação com seus vizinhos. Também é assim entre as pessoas comuns. Na esquina da minha casa tem um mercadinho. De certa forma, somos rivais: o vendedor quer cobrar mais caro e eu quero pagar menos. De vez em quando, um desconhecido bate à minha porta e pergunta se eu quero comprar alguma coisa mais em conta. Eu nunca compro porque sei que a qualidade não é boa. Se eu não gostar do que comprei, não tenho como encontrar esse vendedor de novo para reclamar. Então, frequento o mercado da esquina. O dono de lá sabe que não pode me vender algo de baixa qualidade. Às vezes, eu posso até pedir fiado. Ele sabe que pode me dar um crédito porque, se eu não pagar no dia seguinte, não poderei comprar mais nada por lá. É um jogo de dois lados: ele confia em mim e eu confio nele. Mas não é isso o que está acontecendo entre israelenses e palestinos. As negociações nem sequer ocorrem. Com isso, o curto prazo está se sobrepondo ao longo prazo. Então, o outro lado, o dos palestinos, não aprende como deveria. Mesmo o curto prazo não importa para eles.

A Teoria dos Jogos teria alguma fórmula para resolver esse impasse?

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

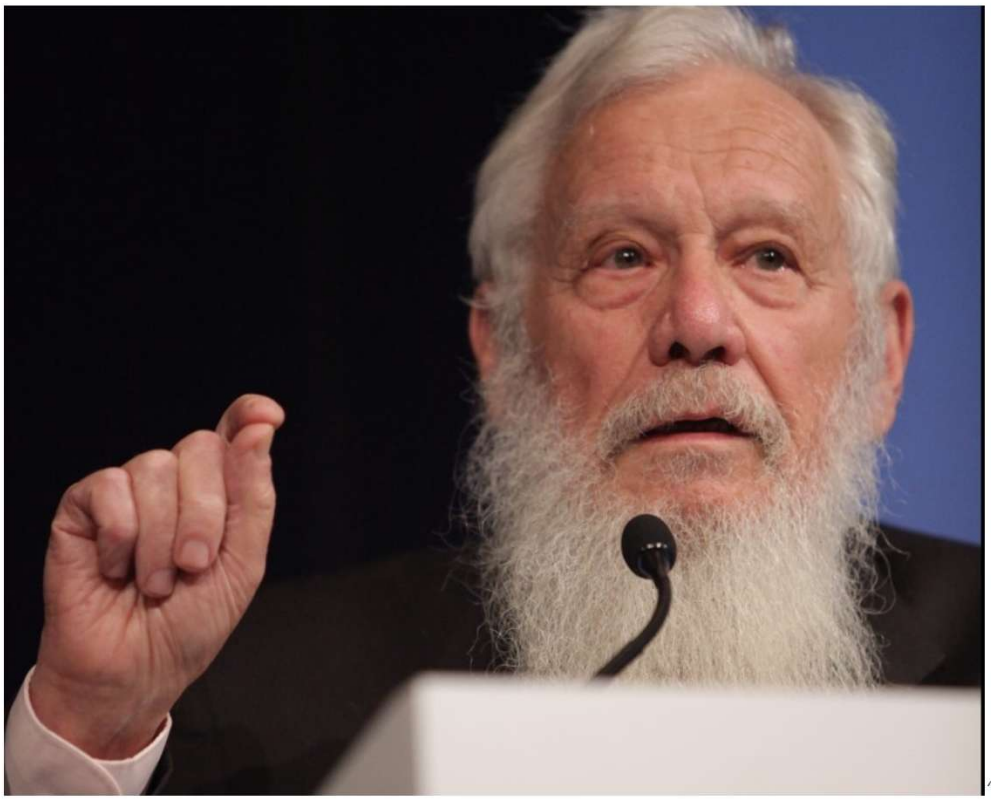
A única coisa que pode funcionar é o tipo de coisa que Trump está sugerindo. Os palestinos precisam entender que o tempo não está a favor deles. Eles têm de entender que cada dia, cada mês, cada ano que passa, custará caro para eles. Os palestinos precisam perceber que a intransigência não é uma boa estratégia.

Qual seria a hora certa para americanos e israelenses fazerem concessões?
O melhor momento é quando existe uma possibilidade real de um *quid pro quo*, uma troca com concessões mútuas. A Teoria dos Jogos diz que uma concessão não pode ser feita logo no começo, porque isso não apenas é inútil como pode ser contraproducente. Seria um sinal de fraqueza. A melhor maneira de fazer uma concessão é quando o outro lado também está pronto para tomar a mesma atitude.

O conflito entre árabes e israelenses vai durar mais quanto tempo?
Vai durar um bom tempo ainda. Ou seria melhor dizer: vai durar um mau tempo ainda. A raiz da questão é o que eles ensinaram aos seus filhos nos últimos 30 anos, desde os Acordos de Oslo. Eles passaram muito tempo dizendo para as crianças que Israel deve ser destruído. Querem que os judeus façam as malas e partam para outros países, como o Brasil. Essas crianças já viraram adultos e vão ensinar a mesma coisa para seus filhos. Enquanto eles nos odiarem dessa maneira, o conflito vai perdurar.

Ao anunciar o plano de paz, Trump disse que aceitaria a criação de um estado palestino. É uma boa ideia?
Sou a favor da criação de uma entidade árabe palestina, o que é diferente de um estado palestino. Um estado até poderia se tornar uma realidade mais adiante. Não acho que os palestinos devam ser expulsos desse canto do mundo e não acredito que eles precisem se tornar parte do estado de Israel. Meu país deve ser um estado majoritariamente judeu, não exclusivamente judeu, mas majoritariamente. Incluir todos os árabes palestinos como cidadãos de Israel não seria algo desejável. Isso seria um desastre. Somos povos separados, que precisam se respeitar e que devem cultivar uma empatia mútua. Então, um estado palestino só será possível depois que eles pararem de ensinar as crianças a odiar os judeus. Talvez isso possa acontecer daqui a 100 anos. Não acho que poderia ocorrer antes disso. Mas, como princípio, é claro, eu apoio um estado palestino.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas



“E m uma guerra, quando se mata um soldado, o equilíbrio se altera”

Os Estados Unidos mataram o general iraniano Qassem Soleimani, em Bagdá, no início de janeiro. A teocracia do Irã vai se comportar melhor depois disso?

Não sei se o Irã vai mudar, mas é certo que essa morte alterou o cenário. Soleimani era uma pessoa muito inteligente e muito dedicada ao que fazia. Em uma guerra, quando se mata um soldado, o equilíbrio se altera. E é muito mais eficiente quando se elimina um general que estava comandando os movimentos de um país. É bom que ele tenha ido.

A morte de Soleimani reduziu a possibilidade de um ataque iraniano contra Israel?

Acho que essa continua sendo uma possibilidade muito real.

A Teoria dos Jogos ensina que é preciso conhecer os objetivos dos rivais. O que os iranianos desejam?

Os iranianos realmente odeiam Israel. Outros muçulmanos não compartilham desse rancor, mas os iranianos são de um ramo particular do islamismo que considera os judeus como seres malignos. Israel já demonstrou o desejo de cooperar com todos os países da região, mas o ódio iraniano ultrapassa a minha compreensão. Só posso imaginar que tenha fundo ideológico.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Como as relações entre Israel e os países árabes podem se desenvolver no futuro?
Somente os árabes palestinos e os iranianos é que não querem se aproximar de Israel. Eles fazem isso por razões que não entendo completamente. A Arábia Saudita apoiou o plano de Trump. Israel está se aproximando de estados árabes como os Emirados Árabes Unidos, o Catar, o Egito e o Marrocos. Uma relação dinâmica pode ser proveitosa para todos. É um jogo em que todos ganham.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Linha de corte

31/01/2020 01:38

► OUVIR NOTÍCIA

Lula estabeleceu um critério ao avaliar os pedidos de reunião que tem recebido desde que deixou a cadeia: a preferência, segundo aliados próximos, é para quem o visitou em Curitiba. Mas nem sempre é só essa a linha de corte. O presidente do PDT, Carlos Lupi, por exemplo, chegou a visitar o petista na prisão, mas até hoje não foi recebido. Entre outras razões, Lupi gostaria de encontrar Lula para tentar apaziguar a relação dele com o também pedetista Ciro Gomes, mas espera sentado o telefonema para o café. Outro velho aliado que ainda aguarda o convite é o presidente do PSB, Carlos Siqueira. Correligionários têm se queixado do que chamam de "postura sectária" do ex-presidente no trato com os outrora companheiros.

Paulo Guereta/Agência O Dia/Estadão Conteúdo

Para aliados, o sectarismo de Lula no pós-prisão atrapalha o PT

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

O medo de Haddad

31/01/2020 01:38

► OUVIR NOTÍCIA

Para além do propalado veto de Lula à candidatura de Fernando Haddad a prefeito de São Paulo nas eleições deste ano, o entorno do ex-presidenciável tem manifestado uma preocupação lateral, mas importante para os seus planos futuros: a possibilidade de virem à tona, desde já, novos dossiês com fatos inéditos do período em que ele comandou a cidade. Aliados farejaram sinais de que o governador tucano João Doria, em sua passagem pela cadeira de prefeito, teria colecionado elementos capazes de chamuscar ainda mais Haddad, que já é alvo de investigações. Pelo raciocínio da turma que cerca o petista, submetê-lo a esse risco poderia prejudicar antecipadamente as chances dele de concorrer novamente ao Planalto em 2022. Trata-se de uma preocupação um tanto tola: se não surgirem agora, não há dúvida de que esses dossiês aparecerão mais à frente, especialmente se Doria mantiver a pretensão de também disputar a Presidência.

Agência Brasil

O entorno de Haddad se preocupa com dossiês contra o petista

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A tabela ruiu

31/01/2020 01:38

► OUVIR NOTÍCIA

Uma das principais conquistas da greve que provocou uma crise de desabastecimento no país no governo de Michel Temer, o tabelamento do frete, alvo de queixas do setor produtivo, dá sinais de não foi um bom negócio nem para os próprios caminhoneiros. A cooperativa comandada por um dos líderes do movimento, Wallace Costa Landim, o Chorão, está à beira da bancarrota — ele até deixou o posto de presidente no último dia 11, em razão do que classifica como "momento muito difícil". Ainda neste início de ano, o plenário do Supremo Tribunal Federal deve julgar ações movidas por associações empresariais que contestam a validade do tabelamento, sob o argumento de que estabelecer um preço mínimo para o frete viola o princípio da livre-concorrência e prejudica o consumidor.

Adriano Machado/Crusoé

A tabela do frete foi uma das conquistas dos caminheiros na greve de 2018

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Fica tranquilo

31/01/2020 01:38

► OUVIR NOTÍCIA

Amigo do peito de Jair Bolsonaro e pivô da ofensiva para tirar a segurança pública da batuta de Sergio Moro, o ex-deputado Alberto Fraga tranquilizou o Palácio do Planalto quanto à tentativa de invasão de seu telefone celular, o mesmo que costuma usar para trocar mensagens de WhatsApp com o presidente. O episódio ocorreu na semana passada. Fraga recebeu uma ligação de alguém que se passava por funcionário do gabinete de Eduardo Bolsonaro na Câmara. O telefonema era para convidá-lo a participar de uma recepção surpresa organizada para receber o presidente no retorno da viagem oficial à Índia. Para confirmar presença, o amigo do presidente teria de enviar um código que chegaria por SMS. Era justamente o código de acesso ao WhatsApp. O ex-deputado desconfiou da conversa e ligou para um amigo, expert em golpes, que o orientou sobre como proceder. Ao procurar o Planalto para dirimir a preocupação de auxiliares de Bolsonaro com o risco de mensagens trocadas com o presidente terem sido roubadas, Fraga disse que não há chance de vazamento porque apagou o aplicativo imediatamente.

Reprodução

Alberto Fraga com Bolsonaro: preocupação com mensagens

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

General na mira

31/01/2020 01:38

► OUVIR NOTÍCIA

O general Augusto Heleno Ribeiro é o mais novo alvo das articulações subterrâneas de Carlos Bolsonaro, o filho 02 do presidente. Carluxo tem se movimentado para convencer o pai de que ele precisa se livrar da "tutela militar". Tempos atrás, quando foi bombardeado pela turma de Olavo de Carvalho, Heleno pensou em ir embora. Mas foi convencido por seus colegas de farda a "manter a trincheira".

Pedro Ladeira/Folhapress

O general Augusto Heleno Ribeiro: de novo na mira

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Propina no espeto

31/01/2020 01:38

► OUVIR NOTÍCIA

Uma das mais famosas redes de churrascaria do país entrou na mira da Lava Jato. Em delação premiada fechada com a força-tarefa da operação no Rio, um operador investigado por desvios em fundos de pensão durante os governos do PT relatou que administradores do Porcão pagaram propina em troca de socorro financeiro ao grupo. Ricardo Siqueira Rodrigues, o Ricardo Grande, afirma que chegou a 7 milhões de reais o suborno destinado a dirigentes da Refer, o fundo dos servidores da rede ferroviária federal, e do Serpros, dos funcionários do serviço de processamento de dados do governo. Parte do dinheiro foi destinada, diz ele, a políticos. Entre os beneficiários cujos nomes aparecem na delação, está o ex-deputado Luciano Castro, um dos grandes parceiros de Valdemar da Costa Neto no PL. Os dois fundos de pensão injetaram algumas dezenas de milhões de reais no Porcão em uma tentativa fracassada de salvar a rede, que faliu em 2017.

Câmara dos Deputados

Luciano Castro, fiel escudeiro de Valdemar Costa Neto

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

DIOGO
MAINARDI
NA ILHA DO DESESPERO

O ovo e a galinha

31/01/2020 01:38

► OUVIR NOTÍCIA

Eu sou uma galinha. Regina Duarte foi entrevistada no *Manhattan Connection*. E eu apaguei da memória sua passagem pelo programa. É uma característica comum a todas as galinhas: nenhum acontecimento do passado permanece por mais de dez minutos em nossa memória.

A sorte é que uma parte do meu hipocampo está armazenada em Palo Alto. Acabei de rever no YouTube o programa com Regina Duarte e posso garantir que, apesar de meu esquecimento, a entrevista realmente ocorreu. É de 29 de maio de 2016, algumas semanas antes do impeachment de Dilma Rousseff. Sim, eu estava lá durante a entrevista. Ou melhor: eu estava aqui, no meu galinheiro veneziano, cacarejando. Nenhum de meus cacarejos foi minimamente memorável. Sou uma galinha inútil, que não bota ovo. Mas Regina Duarte, conversando com meus colegas, antecipou os principais pontos de sua plataforma como secretária da Cultura, embora ela ainda não soubesse disso, quatro anos atrás.

Ela disse:

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

“A hora é de agarrar essa oportunidade de cidadania, que se oferece neste momento, para discutir questões importantes sobre a Lei Rouanet, sobre a importância dela, o que funciona, o que não funciona, onde é que ela fica perversa... Só os grandes empresários têm o direito de brincar com a lei. E os pequenos estão fora da jogada.”

Bem, ela agarrou essa oportunidade. Na época, o Ministério da Cultura ainda não havia reprovado as contas de um de seus projetos teatrais, pedindo-lhe para restituir 319 mil reais captados com a Lei Rouanet. Pode-se afirmar, de fato, que Regina Duarte brincou com a lei e sabe o que ela tem de mais perverso.

Estapeada pela esquerda desde 2002, quando aceitou participar da campanha de José Serra contra Lula, ela disse também:

“Eu sou pela liberdade de expressão, respeito a expressão do diferente; tapa dói, venha da esquerda, venha da direita, tapa não é legal, tapa a gente sabe para onde leva.”

Regina Duarte, em seu cargo público, vai levar tapas dos dois lados. Espera-se que, com ela, o pessoal da cultura seja capaz de botar um ou dois ovos.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Zé de Abreu contra Regina Duarte

31/01/2020 01:38

MARIO SABINO

▶ OUVIR NOTÍCIA

Zé de Abreu está difamando Regina Duarte, porque a atriz aceitou ser secretária especial da Cultura do governo de Jair Bolsonaro.

Nesta quarta-feira, ele escreveu o seguinte no Instagram:

"Desafio Regina Duarte a debater política, cultura, ponto eletrônico, Rouanet e o que mais quiser, no foro que escolher, no momento em que quiser. Está lançado o desafio que sei, de antemão, que ela jamais aceitará. De quebra pode levar Vereza, Maitê e quem mais escolher.

Topa, apoiadora de fascista? Ministra — nem isso — secretária! de um presidente sem legitimidade, um escroto, que quer que você discrimine a diversidade? Que quer que você discrimine LGBTS."

E também:

"Eu sei o que fizemos na sua casa, na Barra da Tijuca. Eu sou artista, assumo meus vícios e me libertei deles. Mas você, assumindo um cargo público, vai ter que prestar conta deles."

E ainda:

"Lembra de quantos gays lhe tiraram rugas? Coloriram seus cabelos brancos? Criaram figurinos para esconder suas banhas? Você está cagando na cabeça deles! Eles me ligam, desesperados, com sua postura! Tenha vergonha nessa cara! Vou até o fim. Assuma seu cargo de apoiadora de fascista se tiver coragem. E aguente as consequências. Outra coisa, EU NÃO ESTOU SÓ! Arrisco minha carreira para impedir que uma colega minha se atire num poço sem fundo."

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Para além das ofensas misóginas a Regina Duarte, enfatize-se que a difamação perpetrada por Zé de Abreu inclui abertamente uma chantagem sobre não se sabe qual episódio na casa da atriz na Barra da Tijuca. Se Regina Duarte matou alguém e escondeu o corpo, participou de um estupro ou distribuiu produto de roubo, ele está obrigado a falar ou será considerado cúmplice. Se ela não fez nada disso, é inadmissível que tenha qualquer aspecto da sua vida privada usado para coação. A falta de legitimidade de Bolsonaro é, por sua vez, uma falácia. Ninguém precisa gostar do atual presidente da República, mas o fato é que ele foi eleito em votação limpa, ao contrário do que querem fazer crer os petistas como Zé de Abreu — e até o momento nenhum aspecto legal o deslegitima para ocupar o cargo. Suposições não são fatos.

O aspecto mais revelador da agressão de Zé de Abreu é a frase “Arrisco minha carreira para impedir que uma colega minha se atire num poço sem fundo.” Ou seja, Zé de Abreu diz que está disposto a sacrificar-se, por meio do linchamento moral, a fim de salvar Regina Duarte. O linchamento moral é um ato altruístico, veja só. Mas o abnegado quer salvá-la de quê? Ele é explícito: do livre-arbítrio. Quer salvar Regina Duarte de Regina Duarte. Para Zé de Abreu, é simplesmente inconcebível que a atriz identifique-se com valores de direita e se disponha a colaborar com um governo de direita. Afinal de contas, se você é de direita, só pode ser fascista. É uma característica do autoritarismo — tanto de esquerda como de direita— tirar a legitimidade do adversário, transformá-lo em pária e, por fim, cancelá-lo. Do lado da esquerda, essa operação ideológica é feita em nome do amor à humanidade. No início, essa humanidade era representada por uma classe; agora, ela é representada pela diversidade. A defesa deve ser intransigente em relação à diversidade étnica e sexual, mas, atenção, jamais pode ocorrer no campo das ideias e da ação política. Para quem pensa e age diversamente da esquerda, o campo é de concentração. Se o povo elege um candidato de direita, é preciso salvar o povo do próprio povo.

No plano estritamente partidário, trata-se de evitar que Regina Duarte possa, como disse Hamilton Mourão, trazer suavidade e diminuir tensões na área cultural, o terreno de combate mais estridente entre petistas e bolsonaristas. Depois do desastre causado pelo Goebbels de Wikipedia, tudo o que o PT não quer é uma Regina Duarte apaziguando ânimos no meio artístico. É preciso isolá-la, marcá-la, torná-la um agente patogênico. Ela não pode estragar de jeito nenhum a tal narrativa de uma democracia em vertigem. Regina Duarte tem de virar um coronavírus antes que tente instaurar uma trégua entre os combatentes. Nesse aspecto, a linha dura do bolsonarismo se irmana com o PT — tanto é que Bolsonaro já avisou que não admitirá fogo amigo contra Regina Duarte. A ver se ele não sucumbirá aos seus Zés. A ver se a própria atriz não cederá às provocações dos detratores e abandonará a suavidade que lhe é atribuída como característica essencial.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Tudo a ver e nada a ver. O fato de ser um idiota ideológico e partidário não deveria tornar Zé de Abreu moralmente inimputável. Mas à esquerda, os leitores têm razão, tudo é permitido. E essa permissividade leva ao acirramento também à direita. Não acho razoável nem salutar que só um dos lados seja objeto de opróbrio por atitudes abjetas. Regina Duarte não fez nada a Zé de Abreu — ou à humanidade — que justificasse o ódio destilado pelo sujeito. Ela apenas pensa diferente dele. A reação ideológica e partidária de Zé de Abreu é imoral.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

E as cubanas?

31/01/2020 01:38

ANA PAULA HENKEL

► OUVIR NOTÍCIA

Quem participa do debate público nas redes sociais sabe que parte do tempo é gasto lidando com gente que, muitas vezes escondida pelo anonimato de perfis falsos, xinga, grita e dá chilique achando que com isso vai intimidar. No meu caso, é muito raro passar um dia sem ler "e as cubanas?", como se lembrar daquela semifinal em 1996 que abriu caminho para a histórica medalha de bronze olímpica em Atlanta fosse motivo de constrangimento e não de orgulho para qualquer atleta daquela geração.

Claro que competi para vencer e adoraria ter conquistado o ouro naquele ano, como entre outras tantas realizações que superaram os sonhos mais inimagináveis quando saí de Lavras, em Minas, para ganhar o mundo pelo esporte. Tenho uma vida hoje repleta dessas realizações, planos e expectativas de trabalho entre Brasil e EUA, e tenho muito a agradecer. Uma das sortes que tive, com certeza, foi não ter nascido refém da ditadura cubana.

Todos esses pensamentos e lembranças vieram à tona nesta semana quando conheci aqui nos EUA, na famosa e emocionante Marcha pela Vida *(March for Life)* em Washington, um casal de médicos cubanos que conseguiu asilo na capital americana. Com meu perfeito portunhol, conversamos sobre Brasil, Cuba, vôlei, governos, Fidel, Trump e o "Mais Médicos". Contei que nosso presidente condicionou a continuação do programa a um teste de validação que os agentes de saúde cubanos teriam que passar, o mesmo que brasileiros formados no exterior precisam para exercer a profissão, e que pudessem trazer suas famílias e ficar com seus salários, mas que Cuba não aceitou. Eles, obviamente, não ficaram surpresos. Contei da narrativa que parte da imprensa e artistas abobalhados empurram dia sim e outro também de que o Brasil está caminhando para virar uma "ditadura", mesmo com o atual governo não querendo ser sócio e patrocinador de uma ditadura de verdade.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Ouvi então do casal cubano exilado em Washington o que todos os que estão no debate político com o mínimo de honestidade intelectual sabem sobre o que realmente acontece em Cuba, e não o que os desmiolados socialistas do Leblon com camisas do Che Guevara pregam: de que o socialismo devora física e mentalmente os cidadãos em sua sanha totalitária. Mas eu não precisaria ouvir a história de mais um casal que fugiu da ilha dos Castros para validar o que sabemos, posso dar meu testemunho pessoal de quem conviveu com as atletas cubanas. Sei o que ouvi delas sobre Fidel Castro se apropriar de suas premiações, da falta dos itens mais básicos para consumo, de como várias vezes compramos pasta de dente, sabonete e remédios para elas, produtos que depois eram levados para Cuba escondidos para não serem confiscados. Por mais competitivo que fosse o clima, não tive como não me emocionar quando ouvi de uma bicampeã olímpica que ela trocaria tudo, todos os seus títulos e medalhas, pela oportunidade de poder viver fora de Cuba com sua família, longe daquela ditadura horrorosa, daquela miséria absoluta num país que já foi um dos mais ricos do continente.

Sei que é óbvio, mas não custa lembrar: os elogios das atletas cubanas aos ditadores e ao regime, feitos para a imprensa durante as competições, não eram espontâneos, evidentemente. Todas viviam sob a mais alta pressão e sabiam das consequências para elas e seus familiares se ousassem fazer qualquer crítica pública. Eram declarações tão verdadeiras quanto o sorriso da torcida norte-coreana nas coreografias robóticas exibidas nos Jogos Olímpicos de Inverno em Pyeongchang em 2018, na Coreia do Norte. Tenho calafrios só de pensar na vida daquelas pessoas “tão sorridentes”.

Não há dúvida de que há regiões no Brasil desassistidas em tudo – basta ver a atual calamidade com o abastecimento de água numa grande cidade como o Rio de Janeiro – e a presença de agentes de saúde poderia, caso não prescrevessem tratamentos equivocados, ser melhor que nada, mas um erro não justifica o outro. A incompetência do país de prover condições básicas de saneamento e atendimento médico para a população mais necessitada não pode servir de pretexto para o envio de bilhões de reais para uma ditadura sanguinária e genocida, usando seres humanos como mulas. É preciso que tenhamos uma grande discussão nacional sobre como levar atendimento médico e saneamento básico de qualidade a todos.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A histeria atual que cerca tudo em relação ao nome de Jair Bolsonaro, assim como o de Donald Trump (não, não estou comparando os dois, mas a histeria é a mesma), e a infantilidade de muitos não conseguirem discutir erros pontuais e que precisam de correções mostram apenas a mesquinhez de quem critica tudo e todos pelo único objetivo de vencer o debate, de qualquer jeito, mesmo que seja no grito. O governo enfrenta grandes e complexas questões que envolvem a saúde pública e que foram herdadas dos anos de total desgoverno petista. Até quando as picuinhas falarão mais alto e deixaremos de abordar com o devido respeito e seriedade o que é urgente e real, sem o sequestro das agendas políticas inconfessáveis e sem o fascismo imaginário? Até quando ouviremos as mais absurdas falácias de uma oposição perdida, que ainda prega em 2020 a demonização do capitalismo e do mercado livre, em função de uma ideologia que não deu certo em absolutamente lugar nenhum? (Não, os países escandinavos não são socialistas. Google).

Regla Bell, Mireya Luis e Magaly Carbajal, entre outras, foram ícones do vôlei da minha geração, ganharam tudo, mas nunca tiveram nada. Duvido que qualquer um criado numa democracia tenha inveja das dificuldades que enfrentaram na vida. Elas são exemplos de superação, talento e força, representaram Cuba brilhantemente e todas as nossas eventuais desavenças daquela época foram mais que superadas. Tive o prazer de encontrar Mireya nas Olimpíadas de Atenas, em 2004, e no Rio, em 2016. Almoçamos e relembramos a eterna rivalidade que fez parte de nossas vidas e de tantos fãs do vôlei brasileiro e mundial. Entre uma risada e outra (e algumas lágrimas de ambas) ouvi, mais uma vez, o testemunho de que muito pouco havia mudado para os atletas na ilha da família Castro, e que muitos que foram jogar na Europa pediram asilo político e simplesmente não voltaram.

O encontro com o casal cubano na manifestação em Washington me fez lembrar não apenas das dezenas de vídeos na internet de cubanos relatando o que o socialismo fez com a população do país e como programas, entre os quais o Mais Médicos, eram injustos para eles — mas também da abstenção da honestidade nesse e em outros debates sérios para o Brasil, apenas porque o candidato de alguns não levou a eleição. Eleição que desbancou o partido mais corrupto que o país já viu e desnudou não apenas a hipocrisia de muitos que se diziam a favor da liberdade (mas que agora mostram seus verdadeiros esqueletos no armário) e que expôs a oposição ampla e agora óbvia: a que vem do PT, das viúvas do PSDB e MDB, mas também das castas e dos privilegiados que não querem deixar de mamar no estado brasileiro, seja na área da saúde, da educação, do saneamento básico ou da segurança.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Dra. Mercedez, a médica cubana que conheci em Washington, e seu marido, vítimas da ditadura e do socialismo em toda a sua vil essência, agora estão felizes na capital do país que oferece a maior liberdade econômica do mundo e, obviamente, as melhores oportunidades sociais e financeiras para seus habitantes. Já quem via as atletas cubanas pela TV não tinha como conhecer as histórias de cada uma, do que tiveram que passar e como elas e suas famílias sofreram e sofrem. Portanto, quando me perguntam, em desnecessário, agressivo e mesquinho tom de deboche, “e as cubanas?”, eu sinceramente, de coração, só espero que elas estejam bem.

Ana Paula Henkel é analista de política e esportes. Jogadora de vôlei profissional, disputou quatro Olimpíadas pelo Brasil. Estuda Ciência Política na Universidade da Califórnia.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Os vigilantes e os covardes

31/01/2020 01:38

FELIPE MOURA BRASIL

► OUVIR NOTÍCIA

Depois do regime militar, foram pouquíssimos os esquerdistas, como Fernando Gabeira, que tiveram coragem de apontar os erros, imoralidades e até crimes da esquerda no poder e antes dele, porque isto era visto como "traição" ao combate à ditadura "de direita", e a maioria preferia se omitir, ganhando afagos do público, acesso aos governantes, boquinhas, além de verbas de publicidade federal ou contratos para passar pano em veículos chapa-branca.

Depois dos governos do PT, são pouquíssimos os combatentes da roubalheira petista que têm coragem de apontar os erros, imoralidades e articulações bolsonaristas para suspender, evitar ou limitar o poder de investigações, porque isso é visto como "traição" ao combate à esquerda, e a maioria prefere se omitir, ganhando afagos do público, acesso aos governantes, boquinhas, além de verbas de publicidade federal ou contratos para passar pano em veículos chapa-branca.

A história se repete com sinal trocado, ecoando bravatas anacrônicas contra quem não está mais no poder. A mistura de analfabetismo funcional, deslumbramento provinciano, culto à personalidade, comportamento tribal, oportunismo financeiro e duplo padrão moral é o caldo cultural em que sempre bebe o poder de turno para se tornar a fonte da verdade oficial e tentar destruir os examinadores da realidade.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A verdade oficial chegou a um nível tão bizarro de mentira que hoje é um insulto responsabilizar o presidente por qualquer 'jabuti' (como juiz das garantias, obstáculos à prisão preventiva, limitação à delação premiada e fundão eleitoral de R$ 2 bilhões) que, em evidente cumplicidade com o Congresso, ele sanciona, em vez de exercer seu direito constitucional ao veto. Depois do 'peidei, mas não fui eu', agora temos o 'sancionei, mas não fui eu'. Ou ainda: o 'sancionei, mas não defendi'.

É inimaginável que os bolsonaristas de hoje eximissem FHC, Lula e Dilma Rousseff da responsabilidade por qualquer sanção presidencial (em razão de uma suposta estratégia na qual se deve confiar cegamente, ou de um alegado risco de impeachment desmentido pelo presidente da Câmara, responsável por autorizar o processo de impeachment); mas, quando tudo se justifica com um toque de berrante, o duplo padrão e o diversionismo são aceitos com naturalidade, para que seja mantida a pose antiestablishment no momento em que o governo se curva ao establishment.

Em um debate público polarizado entre os que demonizam e os que bajulam, a sensatez para destoar de velhas e novas militâncias requer não só argúcia, mas a força moral e psicológica que falta a surfistas de maré e chutadores de cachorro morto – alguns dos quais passaram da demonização pré-eleitoral à bajulação pós-eleitoral sem o menor pudor.

Ao contrário deles, todo vigilante contumaz, por mais sensato que seja, inclusive na constatação de acertos, é sempre tido como "traidor". A verdadeira traição ao povo, porém, é vender-se para o poder de turno, em vez de manter a vigilância coerente que pode impedir seus abusos.

Felipe Moura Brasil é diretor de Jornalismo da Jovem Pan.

Felipe Moura Brasil é colunista de Crusoé e diretor de Jornalismo da Jovem Pan.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

RUY
GOIABA

Uma modesta proposta para o Enem

31/01/2020 01:38

► OUVIR NOTÍCIA

Está difícil a vida dos meus colegas da **Crusoé** em Brasília. Toda hora Jair Bolsonaro dá a chamada guinada de 360 graus: exonera, depois recua da exoneração, depois recua do recuo. Até eu estou com medo de que o presidente coloque o demitido, readmitido e redemitido Vicente Santini na chefia da Casa Civil minutos depois de a minha coluna sair. Ou que resolva tirar as calças pela cabeça durante a live das quintas-feiras, já que fecho o texto antes dela. Cadê o Cade para reprimir a concorrência desleal numa hora dessas?

O fato é que esse esquete dos Trapalhões encenado pelo governo federal teve muitos *highlights* no mês que está terminando hoje (pelos meus cálculos, dia 93 de janeiro). Além de Roberto Alvim como Dr. Strangelove e Viúva Porcina na Cultura (Bolsonaro, por favor: leve Regina Duarte para uma live e mande um "tô certo ou tô errado?", à la Sinhozinho Malta. Nunca lhe pedi nada), tivemos Damares Alves anunciando campanha pela abstinência sexual dos jovens para fevereiro (mês do Carnaval, timing perfeito) e as lambanças no MEC.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Essas últimas foram um capítulo à parte, a começar pelos erros nas provas do Enem. Esta coluna, porém, não se dedica apenas a esculachar políticos, não, senhores: pelo bem do Brasil, ela é PROPOSITIVA. Sendo assim, deixo aqui para Abraham Weintraub, humildemente, algumas sugestões de perguntas de múltipla escolha que podem ser usadas nas futuras provas do Enem. Não vão medir conhecimento de espécie alguma, mas espero que sejam mais divertidas que as lacradinhas do ministro no Twitter. (OK, sei que isso não é difícil.)

1. Os erros verificados em algumas provas do Enem desencadearam um efeito-dominó que levou à suspensão das inscrições no Prouni e a uma briga judicial pela divulgação dos resultados do Sisu. Houve até gente aprovada para curso que não escolheu. Qual a razão de todas essas confusões?

a) Çabotajem
b) Uma imprecionante coincidênssia
c) E o PT? Vossês não falam do PT!
d) Todas as anteriores que vêm antes

2. Jair Bolsonaro disse ser "inadmissível" que Vicente Santini tenha usado voo da FAB e o demitiu do posto de número dois da Casa Civil. Depois, o amigo dos Bolsokids foi readmitido em outro cargo, ganhando cerca de 300 reais a menos, e enfim exonerado de novo. A que se deveu a mudança?

a) Não houve mudança. É intriga da extrema-imprensa
b) Foi um sabotador que assinou a medida no Diário Oficial
c) Foi engano, talquei? Até parece que você nunca se engana, porra!
d) Se Santini não for demitido, readmitido e redemitido, o Lula volta

3. O presidente falou em dividir o Ministério da Justiça tirando dele a área da Segurança Pública, o que enfraqueceria Sergio Moro. Depois, diante da repercussão negativa, voltou atrás. O ministro vai sobreviver até 2022?

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

a) Bom era quando o PT estava no governo, né?
b) E o Doria? Vocês não falam do Doria. Tucanos! Safados!
c) Lixo de site! O Toroço Livre é muito melhor
d) (Tuíte do Carluxo com foto mysterioza)

4. Responder a questões de múltipla escolha é coisa de gay?

a) Se eu comprar 10 kg de carne, dá pra 20 comer?
b) Tatu caminha dentro?
c) Um barco está afundando com o cachorrinho Nabunda dentro. Você leva Nabunda ou deixa Nabunda?
d) Nada contra, até tenho amigos que são, talquei? Um abraço hétero!

Ainda é preciso corrigir as três últimas questões, que estão fora do padrão ortográfico do ministro Weintraub, mas a ideia é essa. Contrata eu, MEC!

***

A GOIABICE DA SEMANA

Que injustiça a internet dando risada com o sensacional Parkour de Taubaté –em vez de mortais e saltos acrobáticos, pessoas dando pulinhos de um degrau para outro ou rolando cuidadosamente no chão. Chegaram a dizer que era como uma prova de ciclismo com adultos pedalando bicicletas com rodinhas. O Parkour de Taubaté deve ser louvado como esporte inclusivo, que até eu e a sua tia-avó com artrite (nessa ordem crescente de agilidade) conseguimos praticar. Se um dia virar esporte olímpico, pelo menos aquele bronze do Brasil eu garanto.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Parkour de Taubaté: sabor de aventura que só a vida a 10 cm do chão proporciona

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Dilma Rousseff: as investigações enviadas para a Justiça Eleitoral em Brasília estão paradas

O limbo da corrupção

Quase um ano depois da decisão do STF que mandou casos de propinas com caixa 2 para cortes eleitorais, o saldo é exatamente aquele que se imaginava: os processos patinam e as condenações são raras

31/01/2020 01:38

MATEUS COUTINHO

► OUVIR NOTÍCIA

Na semana passada, você soube aqui que o senador José Serra conseguiu se livrar da Lava Jato em São Paulo. Suspeito de receber mais de 52 milhões de reais em propinas, o inquérito a que ele respondia foi arquivado graças a uma mistura de fatores. Um deles, primordial, guarda relação com a decisão do Supremo Tribunal Federal que mandou para a Justiça Eleitoral casos que misturam corrupção, lavagem de dinheiro e caixa 2 para

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

campanhas. É algo que vem favorecendo dezenas de políticos pelo país afora. Nos últimos dias, **Crusoé** se debruçou sobre processos remetidos para cortes eleitorais e constatou que as piores previsões sobre a sua capacidade de conduzir investigações criminais complexas estão se confirmando: os processos patinam e as condenações são raras. Quase um ano depois, é possível dizer que, sim, ao pronunciar o veredicto, o STF ajudou a garantir a impunidade.

Números levantados junto a dez dos maiores tribunais de todo o país falam por si. De 107 inquéritos e onze ações penais consultados, só houve condenações em dois casos até hoje. Trata-se dos casos envolvendo os petistas Fernando Haddad e Fernando Pimentel. Haddad foi condenado por caixa dois em sua campanha à prefeitura de São Paulo em 2012 e Pimentel, por tráfico de influência e lavagem de dinheiro por utilizar seu cargo de ministro do governo Dilma Rousseff, para acertar repasses de empresas para a sua campanha ao governo de Minas em 2014. Ambos ainda recorrem das condenações. Os motivos para o desempenho pífio da Justiça Eleitoral são muitos. Em primeiro lugar, estão a influência política dos caciques em suas regiões e a falta de estrutura física e de capacitação técnica nos tribunais eleitorais para conduzir casos criminais complexos. Além disso, há a alta rotatividade de juízes e promotores eleitorais, que costumam ficar só dois anos no cargo. Por fim, soma-se ao cenário o fato de que a Justiça Eleitoral tem a tarefa primordial de organizar eleições em todo o país a cada dois anos.

Tudo começou em 2018, logo após o plenário do Supremo decidir, por unanimidade, restringir o foro privilegiado de deputados e senadores. A decisão na época foi comemorada como uma vitória para o combate à corrupção e aos crimes do colarinho branco. Com a restrição do foro, porém, coube à Segunda Turma da corte, onde tramitam os casos da Lava Jato, decidir para onde enviar os processos. Já naquele ano, o colegiado que conta com os ministros Gilmar Mendes, Ricardo Lewandowski, Celso de Mello, Edson Fachin e Cármen Lúcia começou a adotar o entendimento de que, quando crimes como corrupção e lavagem de dinheiro envolvessem também a suspeita de crimes eleitorais, como caixa 2, as investigações e ações penais deveriam ser remetidas para a Justiça Eleitoral nos estados. Em março de 2019, o plenário do Supremo se debruçou sobre o tema e decidiu, por seis votos a cinco, referendar a posição que vinha sendo adotada na Segunda Turma. O voto de desempate coube ao presidente do STF, ministro Dias Toffoli. Desde então, foram inúmeras as decisões determinando a remessa de procedimentos para as cortes eleitorais. Alguns exemplos ilustram à perfeição o impacto da decisão.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Marcos Oliveira/Agência Senado

José Serra no Senado: processo arquivado por "extinção de punibilidade"

Na capital federal, está a cargo do promotor Clayton Germano, do Ministério Público local, a condução de nove inquéritos que tramitam atualmente na 1ª Zona Eleitoral do DF. Entre os casos está um inquérito envolvendo o ex-presidente Michel Temer. À diferença do grupo de nove procuradores da Lava Jato na PGR que estava dedicado exclusivamente a investigações desse tipo, Germano terá de tocar sozinho o caso, que soma centenas de páginas de documentos, além de horas intermináveis de depoimentos de delatores. Tudo isso enquanto divide sua atuação eleitoral com a de promotor encarregado de fiscalizar, veja só, a aplicação dos recursos da saúde no Distrito Federal. O promotor acumula as funções de dois gabinetes e ainda é responsável por casos que herdou quando integrava o grupo de combate ao crime organizado. Ou seja: dificilmente o processo terá a atenção que merece.

O caso de Temer é aquele em que o ex-presidente, juntamente com seus ex-ministros Eliseu Padilha e Moreira Franco, foi indiciado pela Polícia Federal por corrupção e lavagem de dinheiro, por ter pedido 14 milhões de reais à Odebrecht para financiar campanhas do MDB naquele ano. Se o promotor não concluir as investigações até janeiro do ano que vem, quando termina sua passagem pela seção eleitoral, o procedimento passará às mãos de um novo titular, que terá que analisar tudo do zero novamente. Também passou pelo gabinete um inquérito destinado a investigar Dilma Rousseff a partir da delação premiada do casal João Santana e Mônica Moura. Os dois disseram ter recebido por fora 10 milhões de reais para fazer a campanha da petista em 2014. Esse caso, em especial, mostra bem como o

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

vaivém dos autos acaba virando um bom negócio para os investigados. O processo foi remetido pelo Supremo à 13ª Vara Federal de Curitiba ainda em 2017, mas graças a um recurso de Guido Mantega, também investigado, a Segunda Turma livrou Dilma da Lava Jato em Curitiba e mandou que as informações seguissem para Brasília. Nenhuma diligência foi realizada. Quatro meses depois, o caso voltou para o Paraná.

O tempo é um problema para os investigadores e um aliado dos advogados dos envolvidos. É o que mostra, por exemplo, outra investigação relativa à campanha de Dilma em 2014. O caso envolve o acerto de 24 milhões de reais em propinas entre Marcelo Odebrecht e Guido Mantega para que o PT pudesse comprar o apoio político de quatro partidos a sua chapa presidencial. Em abril de 2018, Edson Fachin mandou o caso para a Justiça Federal em São Paulo. Em agosto daquele mesmo ano, porém, o ministro acolheu um recurso de um dos investigados, segundo o qual o dinheiro, na verdade, era caixa 2 e não corrupção. Ele determinou que a investigação fosse para a Justiça Eleitoral no DF. O MP Eleitoral, contudo, entendeu que houve um acerto para o PT comprar o tempo de TV dos partidos que o apoiaram, e não um simples caixa 2. O argumento foi aceito e, em janeiro de 2019, o caso voltou para São Paulo. Os advogados conseguiram fazer com que a investigação se arrastasse por mais seis meses só nas idas e vindas da discussão se era crime eleitoral ou não.

Marcos Corrêa/PR

Helder Barbalho: promotor liberou suspeitos de intermediar ajuda para campanha do governador

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

A quase 2 mil quilômetros de Brasília, em Belém, uma recente operação da Polícia Federal expôs as dificuldades enfrentadas pela Justiça Eleitoral para avançar sobre caciques políticos. A Operação Fora da Caixa, deflagrada no dia 9 de janeiro deste ano, mirava o caixa dois de 1,5 milhão da Odebrecht para a campanha do governador local, Helder Barbalho, em 2014. O valor era referente a um acerto da empreiteira com políticos para as obras da usina de Belo Monte. Dois investigados por suspeita de intermediar os recursos foram presos temporariamente, graças a uma ordem da Justiça Eleitoral, mas pouco depois o Ministério Público deu uma guinada e entendeu que ambos já poderiam ser soltos. A mudança de posição ocorreu graças a uma feliz coincidência para os investigados. A promotora responsável pelo caso estava em férias e, em seu lugar, assumiu um colega que é filho de um antigo aliado do pai de Helder, o notório senador Jader Barbalho – juntos, os dois respondem até hoje a uma ação por suspeita de desvios na Sudam. “Confesso até que talvez, se fosse mais à frente na investigação, se tivesse que analisar provas, algum outro detalhe, talvez eu viesse a me declarar suspeito”, diz o promotor Alexandre Tourinho. O processo tramita em uma zona eleitoral de Belém cuja juíza titular veio da Vara da Infância e Juventude de Belém. Ou seja: os responsáveis por julgar nem sempre têm a experiência necessária para tratar de casos que envolvem corrupção e lavagem de dinheiro. Diferentemente da Justiça Federal, onde há varas especializadas em crimes financeiros, na Justiça Eleitoral muitas vezes os processos ficam com juízes sem qualquer vivência na área criminal.

Os (maus) exemplos se repetem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Um dos primeiros beneficiários da sequência de decisões do Supremo de remeter para as cortes eleitorais suspeitas de crime envolvendo políticos foi o ex-senador petista Lindbergh Farias. Ainda em março do ano passado, a Segunda Turma mandou para a Justiça Eleitoral no Rio o inquérito em que ele é suspeito de receber 4,5 milhões de reais da Odebrecht durante as campanhas para prefeito de Nova Iguaçu, em 2008, e para senador, em 2010. Desde que chegou no Rio, o caso ainda não andou.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Já em São Paulo, onde tramitam 32 inquéritos eleitorais decorrentes da Lava Jato, o ex-governador tucano Geraldo Alckmin não tem motivos para se preocupar. Delatado na Lava Jato, ele também teve seu caso enviado para a Justiça Eleitoral. Não há previsão de quando as diligências destinadas a reunir provas para o processo serão concluídas. O promotor que estava responsável pelo inquérito renunciou em novembro, depois de passar onze meses no posto sem ter apresentado uma denúncia sequer envolvendo políticos. No lugar dele assumiu um colega que ocupou um cargo na gestão de Alckmin e é da confiança do atual procurador-geral de Justiça de São Paulo, Gianpaolo Smanio, alçado ao cargo pelas mãos do tucano.

A seguir nesse ritmo, o prognóstico feito pelo coordenador da Lava Jato em Curitiba, Deltan Dallagnol, logo após o veredicto do Supremo, parece bem encaminhado rumo à confirmação. Na ocasião, Dallagnol afirmou que a decisão começava a “fechar a janela de combate à corrupção política que se abriu há cinco anos, no início da Lava Jato”.

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas

Canal Único PDF
O Jornaleiro

Cadê o Jornaleiro, gente?!
Acesse nosso Canal no Telegram:
t.me/jornaiserevistas ou @jornaiserevistas

Canal Unico PDF - Acesse: t.me/jornaiserevistas